

de Menezes, de quem a mesma coleção já havia dado há algum tempo *Aconteceu no Velho São Paulo*. Cearense de Fortaleza, Raimundo de Menezes veio para São Paulo em 1929 e radicou-se no novo meio. Nêle imediatamente se integrou, vindo logo a participar de sua vida cultural e, mais ainda, passou a interessar-se pela história da cidade que adotou. Contrastando com a cidade de hoje, as páginas de *São Paulo dos nossos avós* remontam a um tempo em que ninguém imaginaria pudesse a capital bandeirante vir a transformar-se na metrópole tentacular de hoje. Trata-se de livro que recompõe tempos passados, que informa o leitor, sempre de maneira atraente e amena, sobre o jeito de viver dos paulistas e paulistanos, os costumes de sua gente, os dramas que padecem, os passeios que fazem, os tipos populares que transitam por suas ruas e becos, o nascimento de bairros, o aparecimento do primeiro automóvel, e tantas coisas e fatos mais. Um livro, era suma — lembra o apresentador do volume — que ressuscita outros tempos. Um livro na mesma linha do que em outras épocas evocaram o passado paulista, tais como os de Almeida Nogueira, Antônio Egidio Martins, Paulo Cursino de Moura e Ernani da Silva Bruno.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

DIBO (Dulcídio). — *Grande Enciclopédia Geográfica Mundial*. Li-bra Empresa Editorial Ltda. São Paulo. 1968. 4 volumes. 281 + 185 + 207 + 263 páginas. 8 mapas físico-políticos, 30 mapas gerais, mais 200 mapas específicos, inúmeras fotografias e clichés a cores e em preto e branco, gráficos, tabelas, esquemas. Impressão a cores, com índices gerais, estatísticos e bibliografia.

Obra de grande folego é esta que o professor Dulcídio Dibo nos oferece em edição aprimorada de Li-bra Empresa Editorial Ltda.

Inclui-se no rol das edições atuais, de feição monumental, o que haveria demandado, sem dúvida, esforços de tóda a ordem, não só da parte do autor como da parte do editor.

Como uma "síntese geográfica", no dizer do próprio autor e para conhecimentos fundamentais, com metodologia adequada, o trabalho foi desenvolvido dentro de um esquema premeditado, exigência e necessidade de ordem gráfica, o que, naturalmente, levantou problemas cuja solução requereu argúcia, tenacidade, poder de síntese e ciência.

Não faltaram êstes predicados ao supervisor da obra e a disposição e explanação conseguidas são o resultado do entrosamento perfeito entre editor e autor.

De títulos suficientes para levar a cabo êste trabalho, o prof. Dulcídio Dibo acrescentou mais um quando metódicamente, com indomável perseverança, chegou ao final das quase 1.000 páginas impressas, conseguindo uma obra cuja harmonia se patenteia tanto pelo colorido da edição (a despertar, sãbiamente, a atenção espontânea), como pela seqüência dos assuntos e temas que revêlam o domínio sobre a matéria tratada.

Fugindo às exposições secas e indigestas de alguns tratadistas e mesmo ao caráter abstracionista de que uns tantos fazem gala, conseguiu o autor fazer uma obra de divulgação capaz de ser lida e entendida pelo maior número.

Os quadros que oferece, não só de Geografia Física, mas também de Geografia Humana, Política, Econômica, dão a entender que o prof. Dibo tem presentes os conceitos mais recentes da Geografia, direta ou indiretamente derivados de geógrafos como La Blache, ou Ritter, ou Humboldt, ou aqueles que na linha própria araram o seu quinhão, mesmo com deslises ou imprecisões ou utopias que nem evitaram que algo de positivo e objetivo sobrasse e a que Reclus, ou Peschel ou Ratzel deram o seu concurso.

Atendendo, ainda, a uma espécie de solicitação para a “universalidade geográfica”, nem fugiu às diretrizes de Mackinder; e no afã de tornar a sua “Enciclopédia” um “instrumento útil” incluiu uma breve resenha histórica por cada “unidade política” tratada.

Não faremos sobre isto considerações. A fazê-las seriam as mais encomiosas, mesmo que se observassem, nalguns casos, restrições, ou ausência de contemporaneidade.

Mas não deixaremos de dizer que o iniciado na “cultura geográfica” tem ao seu alcance, com esta “Enciclopédia”, aparelhamento hábil — “utensilagem” como diriam os franceses — para perceber os aspectos a que a moderna Geografia se atem, quanto à “distribuição dos fenômenos físicos, biológicos, humanos, tendo presente as causas da distribuição e as relações locais”, numa síntese de seu objeto material, enunciado com a brevidade que convém a uma definição.

Estranho poderá parecer que alguém de História haja prestado atenção a uma “Enciclopédia Geográfica”. Mas a nossa atenção foi solicitada por dois motivos: o primeiro é que aparece com destacada presença nos escaparates dos livreiros; o segundo é que nunca perdemos de vista, desde os bancos escolares, que, como “ciência auxiliar”, a Geografia — ao menos a Geografia Humana, se quisermos restrições — é imprescindível ao historiador.

Ao demais, sendo que notas históricas das “individualidades políticas” são fornecidas ao longo da obra, a sua utilização pelo historiador torna-se plenamente justificável.

O saldo positivo da obra é sobremaneira compensador; e nem algumas falhas tipográficas que escaparam na revisão desmerecem, de modo algum, o seu valor.

Mesmo ao leigo é fácil corrigir imprecisões do texto.

Seria entretanto de aconselhar uma “errata” ao final dos volumes; ou uma “corrigenda” que retificasse a troca de figuras ou estampas como ocorreu nesta primeira edição.

Numa nova edição — e nós “profetizamos” uma segunda edição, mesmo por que se poderia ampliar nalguns aspectos (Geografia do Brasil; Geografia de São Paulo), sugestão que não consideramos abusiva — numa nova edição, dizíamos, é prudente e aconselhável que a “corrigenda” insinuada se adicione como convém a toda a obra de tamanho vulto.

Assim se evitaria que fôsse prejudicada por “falhas” sem importância... mas que não deixam de ser falhas.

JOSÉ AUGUSTO VAZ VALENTE